

Arlene Laurenti Monterrosa Ayala

Enfermeira. Mestra em Saúde Pública. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade IELUSC – Joinville – Santa Catarina

Beatriz Schumacher

Enfermeira. Mestra em Enfermagem. Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade IELUSC – Joinville – Santa Catarina

Solange Abrocesi

Enfermeira. Dra. em Saúde Pública. Profa. Titular do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade IELUSC – Joinville – Santa Catarina

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem na enfermagem necessita estabelecer relações entre a teoria e a prática e a curricularização da extensão configura-se como uma interface importante nesse processo. Na Faculdade Ielusc a curricularização do curso de Enfermagem está aliada a conteúdos e práticas, possibilitando uma formação integral e favorecendo a flexibilização curricular. Este estudo apresenta uma proposta de curricularização da extensão, desenvolvida nas disciplinas de Enfermagem em Saúde Mental e Metodologia II, descreve a trajetória pedagógica que integra o cuidado em saúde com as pessoas fazem uso de substâncias psicoativas. O objetivo foi dialogar com propostas pedagógicas que superassem as tradicionais palestras frontais. O projeto foi elaborado em 21 encontros, na disciplina de Metodologia II e desenvolvido nas atividades práticas de Saúde Mental de outubro a dezembro de 2020, em uma Comunidade Terapêutica, localizada no distrito de Pirabeiraba em Joinville, Santa Catarina. Desenvolvida por 89 acadêmicas em 3 etapas: 1. Diagnóstico situacional: identificação de problemas em contextos reais. 2. Plano de ação: detalhamento das ações que serão desenvolvidas, com fundamentação teórica. 3. Avaliação: relato e avaliação das atividades. O diagnóstico situacional realizado com os integrantes da CT foi o ponto de partida para a elaboração dos projetos. As intervenções terapêuticas, incluíram diversas práticas que, dentre outras, possibilitaram a comunicação e a escuta terapêutica. O aspecto lúdico incluiu cine-debate, rodas de conversa e jogos, favorecendo um ambiente acolhedor, participativo e reflexivo. O processo de aprendizagem que acontece na realidade, e no extramuros das instituições de ensino com a curricularização da extensão, permite aos estudantes que obtenham conhecimentos que são fundamentados na existência humana. Representa um movimento pedagógico a partir do diálogo, parceria e colaboração. Além do mais, coloca

a aluna(o) no centro da formação, favorecendo o diálogo entre os saberes e o desenvolvimento da capacidade de visitar o lugar do outro.

Palavras-chave: Curricularização da extensão; métodos pedagógicos; saúde mental; promoção da saúde; educação em saúde.

INTRODUÇÃO

O ensino superior na enfermagem, vem direcionando esforços para que o processo de ensino e aprendizagem estabeleça relações entre a teoria e a prática (SPATTI; SERAFIM; DIAS, 2016; MACEDO et al, 2018) e nesse contexto, a curricularização da extensão configura-se como uma interface importante nesse processo (BRASIL, 2018; PEREIRA; VITORINO, 2019).

Com o intuito de estimular a curricularização, o Ministério da Educação publicou a lei nº 13.005 de 2014 aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) para o período de 2014-2024. O PNE tem por função estabelecer as metas e diretrizes para a educação brasileira, em todos os níveis, pelo período de dez anos. O PNE estabelece 21 estratégias, sendo que uma delas, a meta 12.7, determina para a graduação programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014).

A partir desta Resolução, as instituições de ensino superior do Brasil precisaram se adequar às diretrizes estabelecidas, garantindo a integralização de 10% da carga horária dos cursos de graduação através de atividades de extensão planejadas, realizadas e avaliadas no âmbito dos componentes curriculares (BRASIL, 2014).

Em 2018, a Resolução nº 7 do Ministério da Educação alterou a dinâmica de trabalho da(o) docente ao prever que o professor do componente incorpore a curricularização da extensão em seu Plano de Ensino e Aprendizagem (PEA). Isso porque o planejamento, a realização e avaliação da curricularização deve estar contemplada nos PEAs, desde sua elaboração até a sua conclusão e avaliação. É através do PEA que as atividades são registradas, acompanhadas e creditadas a/ao acadêmico/a (BRASIL, 2018).

No entanto, Santos, Tavares e Belfort (2020) referem que a curricularização da extensão não deve ser compreendida apenas como uma norma a ser seguida, mas sim como uma prática teórico-metodológica que possibilita a interação com as várias áreas do conhecimento, saindo de uma esfera dicotomizada entre teoria e prática para a proposição de processos de construção do conhecimento a partir das demandas sociais.

Para efeito das Diretrizes Curriculares, o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde preconiza a formação profissionais autônomos, que sistematizam o seu conhecimento no saber fazer, estabelecendo a necessária relação entre a dimensão social e cultural com a devida competência técnica. A aproximação dos acadêmicos com os serviços de saúde, colocando o estudante em contato com a vida das pessoas, retirando-os da aprendizagem tradicional, frontal (BRASIL, 2007).

O ensino-aprendizagem na enfermagem ainda é guiado por bases pedagógicas do modelo biologicista, com matriz curricular fragmentada, caracterizada pelas especialidades e práticas centradas na clínica hospitalar (XIMENES et al, 2020; BRITO et al, 2017). Apesar da implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Enfermagem estabelecidas nas últimas décadas a formação da(o) enfermeira(o) ainda vivenciam problemas como, a descontextualização dos projetos pedagógicos que desconsideram a realidade social, o predomínio do conteudismo, em detrimento às vivências práticas; e a desarticulação entre ensino teórico, extensão e pesquisa (XIMENES et al, 2020; BRASIL, 2001).

Neste contexto, a curricularização da extensão incentiva a refletir sobre as concepções de ensino-aprendizagem curriculares e da função social dos cursos de graduação na área da saúde. Além de possibilitar a integração dialógica entre as instituições de ensino e setores sociais, e a sensibilização do acadêmico com a realidade em que estão inseridas as pessoas que eles atendem nas atividades teórico-práticas.

Embora ainda não existem muitas as pesquisas sobre curricularização da extensão, estudos publicados têm demonstrado que a participação dos acadêmicos em projetos de extensão favorece reflexões sobre processo saúde-doença, problematização da realidade, formação integral, bem como da criação de vínculos acolhedores pelo acadêmico com as pessoas que buscam o cuidado (FREITAS et al, 2016; ALMEIDA; BARBOSA, 2019; CASTILLO; PALEO; RIVERO BORGES, 2019).

A proposta pedagógica do curso de enfermagem da Faculdade do Ielusc/SC contempla os preceitos legais estabelecidos pelo Ministério da Educação, em uma perspectiva de ensino profissional orientado para uma formação crítica, humanizada, interdisciplinar e comprometida com as demandas sociais.

Na Faculdade Ielusc a curricularização foi alinhada com o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem (PPC) e perfil do egresso dos cursos. E tem como objetivo evidenciar a extensão como princípio formativo, potencializar o impacto social e acadêmico dos cursos, favorecer aos estudantes uma formação integral e transdisciplinar, contemplar a extensão de forma permanente e articulada, impactar na formação e protagonismo dos estudantes, e favorecer a interação dialógica com a comunidade.

A curricularização do curso de Enfermagem foi desenhada com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e em reuniões de planejamento a cada semestre. As atividades acontecem ao longo do curso, a fim de atender algumas demandas da sociedade, com o protagonismo/mediação do estudante. Aliando conteúdos e práticas, possibilitando uma formação integral e favorecendo a flexibilização curricular. As atividades vão sendo construídas considerando os temas transversais: Sistema Único de Saúde (SUS), Sistematização de Assistência em Enfermagem (SAE), Ética, Família, Trabalho, Ambiente e Equidade e são desenvolvidas em 3 Eixos: Eixo Fundante: Processo de Cuidar I: Sociedade e Ambiente, Eixo II: Processo de

Cuidar II- Bases Articuladas e Práticas de Saúde e Eixo III: Processo de Cuidar III – Profissionalizante.

Considerando que a formação da(o) enfermeira(o) tem sido central à atenção integral em saúde, este estudo apresenta uma proposta de curricularização da extensão, desenvolvida nas disciplinas de Enfermagem em Saúde Mental e Metodologia II no curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Ielusc. O estudo descreve a trajetória das acadêmicas e docentes para aproximar práticas pedagógicas que integram o cuidado em saúde com as pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, acolhidas em uma comunidade terapêutica (CT) em Joinville/SC.

A disciplina Enfermagem em Saúde Mental tem como um dos objetivos aproximar os (os) estudantes com pessoas em processo de sofrimento mental, a fim de refletir e promover a saúde mental e o cuidado com o usuário, família e equipe de saúde.

A abordagem no ensino da saúde mental precisa ser tema transversal, e é uma característica que vem sendo preservada nas diversas estruturas curriculares do curso. Esta disciplina é desenvolvida na quarta fase do curso e as (os) acadêmicas (os) tem todo o semestre para refletir sobre a saúde mental e os transtornos mentais como elementos fundamentais no cuidado de enfermagem.

A disciplina inicia com a contextualização histórica da psiquiatria e faz um resgate do cenário mundial e brasileiro antes da reforma psiquiátrica, a comunicação terapêutica, projeto terapêutico singular, matriciamento em saúde mental, os principais transtornos mentais e a rede de atenção psicossocial (RAPS). Vale destacar que a disciplina tem 100 horas de atividades teórico-práticas (ATP), que são desenvolvidas em Unidades de atenção primária, Centro de Atenção Psicossocial, (CAPS), Casa de passagem, Comunidade Terapêutica (CT), Núcleo socio terapêutico e Casa lar.

Nesta perspectiva, vamos descrever a proposta de curricularização da extensão em uma CT, que são equipamentos de atenção à saúde mental inseridos na RAPS e que enfatizam o cuidado com as pessoas que desejam suspender o uso de substâncias psicoativas (SPAs). Localizada na zona rural, funciona com uma equipe técnica composta por psicólogo, assistente social, agente administrativo, além dos monitores, que na maioria das vezes são pessoas que já fizeram uso de SPAs. Os acolhidos têm o seu tratamento recomendado para duração de nove a doze meses.

Apesar das divergências no funcionamento das CTs, que nem sempre atendem aos princípios que as norteiam, o mesmo acontece na formação em enfermagem, com a disciplina de Saúde Mental. Pois nem sempre os currículos de enfermagem promovem reflexões sobre a Política Nacional de Saúde Mental, o que compromete o desenvolvimento de habilidades e competências na área da saúde mental, o que pode ser evidenciado nesta referência:

Um dos grandes desafios para a sustentação das políticas públicas de saúde diz respeito à formação de profissionais com competências e

habilidades para apropriação teórica e técnica, sem a qual é difícil avançar na consolidação de tais políticas. Este fato torna-se mais delicado quando os rumos da política são orientados por uma forte base conceitual ideológica, como é o caso da saúde mental, cuja decisão quase sempre é perpassada pela ideologia que, não necessariamente, esteve estampada nos aportes teóricos (SOUZA; SANTOS, 2014, p.85)

Assim, a Disciplina de Enfermagem em Saúde Mental do Curso de Graduação em Enfermagem aborda e defende o processo de desinstitucionalização e a importância do cuidado de enfermagem na equipe interdisciplinar, em uma perspectiva humanista, criativa e reflexiva, considerando o cuidar como processo dinâmico.

A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PROPOSTA DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA DISCIPLINA ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL

A curricularização expõe a vivência da extensão desenvolvida por 89 acadêmicas da 4ª fase e docentes, vinculados à graduação em enfermagem da Faculdade Ielusc. Foi organizada em um projeto integrador de promoção à saúde mental, com ações de educação em saúde. Com objetivo de dialogar com as(os) acadêmicas(os) sobre uma proposta pedagógica para além das tradicionais palestras frontais.

Nesta perspectiva pedagógica de caráter interdisciplinar, duas disciplinas, de Saúde Mental e de Metodologia Científica II, articularam-se para a elaboração de um projeto integrador, que considera o planejamento e desenvolvimento de ações de acordo com a necessidade, e a participação ativa das pessoas.

O projeto foi elaborado em 21 encontros, no período de agosto a outubro na disciplina de Metodologia II e desenvolvido nas atividades da Saúde Mental durante 21 dias, de outubro a dezembro de 2020, em uma Comunidade Terapêutica, localizada no distrito de Pirabeiraba em Joinville/SC.

A Comunidade Terapêutica é um serviço de acolhimento e cuidados para tratamento de homens que fazem uso de substâncias psicoativas. Funciona em regime de atenção residencial de caráter transitório e voluntário, orientado por um “programa de acolhimento” traçado por meio de um plano de atendimento singular individualizado, e construído com a participação do acolhido e pelos diversos profissionais que compõem a equipe de técnicos que lá atuam. O programa tem duração de nove meses e contempla atividades de integração à saúde, qualidade de vida, reconstrução da cidadania (direitos e deveres), inclusão à cultura, à educação, ao trabalho, à convivência, possibilitando ao acolhido exercitar sua possibilidade de escolha e expressão (COMUNIDADE TERAPÊUTICA, 2021).

Os projetos são elaborados pelos estudantes com a mediação das professoras das disciplinas de Metodologia II e Saúde Mental. São desenvolvidos em 3 etapas: 1. Diagnóstico situacional: identificação de

problemas em contextos reais.2. Plano de ação: detalhamento das ações que serão desenvolvidas, com fundamentação teórica.3. Avaliação: relato e avaliação das atividades.

Assim, a partir de um diagnóstico inicial, realizado por meio de um instrumento de coleta de dados virtual, foram escolhidos pelos integrantes da CT (técnicos e acolhidos) oito temas: envelhecimento saudável, saúde dos ossos, doenças respiratórias, dependência química, hipertensão, covid-19, diabetes e tabagismo. Estes temas foram o ponto de partida para a elaboração dos projetos, nas aulas remotas. Cabe aqui salientar, que o projeto tinha como proposta inaugurar um outro espaço de produção do conhecimento, articulado com as atividades de educação em saúde, exigiu das alunas(os) a sistematização do pensar e do agir como forma de estabelecer as abordagens que seriam adotadas para a apresentação dos temas de saúde.

Para a elaboração do projeto, as 89 alunas foram divididas em 12 grupos, com sete integrantes cada, com a orientação das professoras. Semanalmente, em oficinas, as acadêmicas problematizaram, planejaram e descreveram sobre os conteúdos teóricos, e a metodologia adotada para o desenvolvimento das atividades.

A partir do processo de problematização, o olhar das acadêmicas foi sendo construído, e perceberam a necessidade de uma ação de integração dialógica, e de integração com dinâmica de vida dos acolhidos na comunidade terapêutica. A problematização aconteceu por meio da discussão sobre as abordagens pedagógicas que seriam adotadas na atividade de educação em saúde, do material educativo que seria utilizado, e do mapeamento e análise crítica e de experiências sobre educação em saúde e uso de substâncias psicoativas (SPAs) descritas na literatura. Por fim, as(os) acadêmicas(os) estabeleceram relações entre os saberes científicos e as necessidades e saberes dos acolhidos. As atividades foram planejadas em três perspectivas: teórico-prática, do cuidado e lúdica – articuladas e interrelacionadas.

No que se refere à perspectiva teórico-prático priorizaram a participação e a interação dinâmica com os participantes. Com apresentação e discussão dos temas escolhidos, a fim de destacar informações sobre riscos, danos e benefícios à saúde física. No âmbito das intervenções terapêuticas incluíram diversas práticas que possibilitaram a comunicação e a escuta terapêutica, além das técnicas de verificação de pressão arterial, índice de massa corpórea, dentre outras. O aspecto lúdico foi desenvolvido através de cine-debate, rodas de conversa e jogos, favorecendo um ambiente acolhedor, participativo e reflexivo, considerando as vivências dos acolhidos.

A APRENDIZAGEM E A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

O processo de elaboração e desenvolvimento do projeto integrador em saúde teve aspectos importantes como: a sistematização e teorização do

conhecimento e a aproximação das acadêmicas e professoras com o contexto de estrutura de vida das pessoas que fazem uso de SPAs e também reconhecer a importância da participação dos acolhidos no processo de construção do conhecimento compartilhado.

SOBRE A SISTEMATIZAÇÃO E TEORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A CURRICULARIZAÇÃO.

Com o objetivo de aprofundar o debate sobre o tema saúde mental, em um primeiro momento, nas oficinas, foram discutidos artigos científicos de autores que dialogavam com o uso de substâncias psicoativas e a educação em saúde. Essa etapa, originou reflexões críticas sobre os atendimentos no Sistema Único de Saúde (SUS), com as pessoas que fazem uso de SPAs.

Foi possível refletir sobre a discriminação, exclusão, negligência de direitos e dificuldade de acesso a rede de atenção à saúde. Sobre a violência a que são expostos, principalmente pela perversa e organizada rede de tráfico de drogas

A partir destes debates consideraram a urgência da inclusão social e da de se repensar o atendimento às pessoas que fazem uso de SPAs

Em outra oficina, duas alunas referiram ter ampliado a compreensão da política sobre a saúde mental. Uma acadêmica mencionou: [...] eu *tinha preconceito* [...] a outra referiu [...] *hoje tenho uma nova visão da saúde mental*. Diversas vezes foi possível observar, que as alunas, em suas falas, destacaram diversas dimensões da saúde mental e do uso de substâncias psicoativas, falavam sob a ótica da exclusão social do não-acesso a assistência em saúde, o preconceito, e da violência, revelando a importância da curricularização da extensão, mediada pela problematização no processo de aprendizagem.

Na sequência, foram realizadas outras oficinas específicas com o objetivo de desenvolver textualmente, por meio da metodologia científica, a ação de educação em saúde a ser desenvolvida no CT. As acadêmicas(os) construíram diversos planos de ação, demonstrando as habilidades e competências, mas também muitas dificuldades nos textos de planejamento/plano de ação escritos. Estas dificuldades foram trabalhadas com o apoio das professoras na escrita, e pelo interesse das acadêmicas em melhorar a redação.

AS APROXIMAÇÕES DAS ACADÊMICAS E PROFESSORAS COM OS CONTEXTOS DE ESTRUTURA DE VIDA DOS ACOLHIDOS

As alunas(os) referiram que conhecer a realidade do CT, fez com que elas compreendessem, como vivem os acolhidos e como funciona a CT, o que pode ser evidenciado pelas seguintes falas. Sobre o processo terapêutico na CT – *achei interessante como eles fazem o tratamento na comunidade; a religião, a disciplina e o trabalho [...]*. Uma outra acadêmica referiu que na CT *eles cuidam de si mesmos, e fazem a sua própria comida,*

o que diz respeito a autonomia do acolhido. Pode-se perceber que as acadêmicas(os) ampliam a sua habilidade de identificar outras formas de terapêutica e não apenas as tradicionais estabelecidas pelo modelo biologicista, e conseguem compreender o modo de viver dos acolhidos. Estas percepções possibilitam que as alunas visitarem o lugar do outro, começam a aprender um olhar mais integrado para o outro, o que requer uma sensibilidade especial. O desenvolvimento dessa sensibilidade, possibilita uma atenção mais integral.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DE CONHECIMENTOS

Trabalhar práticas pedagógicas a partir de processos compartilhados, possibilita a interação e interlocução entre acadêmicas(os) e acolhidos. Assim, uma postura de "escuta sensível" e abertura ao saber do outro, favorece uma construção de conhecimentos compartilhada.

Nos encontros, a escuta dos participantes viabilizou reflexões sobre o conhecimento prévio que eles tinham sobre os seus problemas, sobre a situação de sua realidade com o uso de substâncias psicoativas e suas implicações nas relações com os amigos e familiares.

As dramatizações, cine debates, cultivo de ervas para temperos, jogos e desenhos realizados nos grupos possibilitaram compreender, como o uso de substâncias psicoativas impactou na vida dos acolhidos.

Os diferentes instrumentos pedagógicos das atividades lúdicas, o diálogo e a escuta sensível possibilitaram às acadêmicas a aproximação com os sofrimentos dos acolhidos. As narrativas de duas alunas evidenciaram essa interação: [...] *mudei meu modo de enxergar as pessoas usuárias de drogas [...]; [...] a gente tem que escutar mais [...]*.

As atividades lúdicas exigiram das alunas criatividade e uma interlocução/ comunicação qualificada com os acolhidos. Mencionaram a participação intensa dos acolhidos, alegria e emoção durante o desenvolvimento das ações em saúde. Para elas, foram momentos que proporcionaram bem-estar, e ludicidade atribuindo às brincadeiras e jogos, a ampliação do diálogo e interação. As falas das alunas deixaram de traduzir a preocupação somente com os aspectos educativos, e passaram a revelar empatia e respeito para com a vida e o sofrimento dos acolhidos.

Na tentativa de conhecer melhor como os participantes estavam se sentindo, as acadêmicas com a escuta sensível, mediada pelo desenho do autorretrato de cada participante, puderam compreender, em parte, a vivência dos acolhidos, e perceberam que o importante não era apenas realizar a educação dos temas, mas compartilhar uma outra forma de relacionarem-se com a realidade vivida. Para as acadêmicas(os) os desenhos embutidos de significados emocionais e sociais, que foram compartilhados entre todos, e que as levaram a exercitar o respeito e consideração com o sentimento do outro.

Destaca-se a manifestação de um acolhido que demonstrou seus sentimentos em relação à comunidade terapêutica e o seu tratamento, por meio do desenho abaixo. A CT foi simbolizada por uma mãe grávida que zela pelo seu filho que vai nascer, e ele, o acolhido, como um novo ser em formação.



Autor: Acolhido da Comunidade Terapêutica

Vale destacar aqui, a reflexão de uma aluna sobre o desenho. Para ela, o desenho amplia a visão sobre a realidade vivida pelas pessoas e permite compreender melhor as expectativas de vida dos acolhidos. Dessa fala é possível entender que a acadêmica expressou a possibilidade de trabalhar com o que não é verbalizado, pois segundo ela, o desenho é um tipo de linguagem que pode problematizar a realidade.

Com o cine debate foi possível promover um espaço de interlocução/comunicação terapêutica com os acolhidos. A escolha do filme foi “*Viver Duas Vezes*” que conta a história de um idoso professor universitário que começa a se perceber como idoso, que já tem uma certa perda da memória e essa compreensão o leva a resgatar planos há muito tempo abandonados em busca de novo sentido para a vida.

Este filme oportunizou a participação e a interação com os acolhidos, eles puderam expressar seus sentimentos e impressões sobre a vida. Esta questão ficou evidenciada quando muitos acolhidos comentaram sobre situações vividas com suas famílias. Além de propiciar um tempo de diversão, e cultura.

A utilização da comunicação terapêutica como cuidado na enfermagem em saúde mental é um poderoso instrumento de atenuação do sofrimento, pois desloca a atenção da doença e do sofrimento enfatizando as necessidades de vida das pessoas, dando voz e protagonismo aos acolhidos.

Outra atividade desenvolvida com os acolhidos foi a permacultura¹ utilizada como estratégia para a discussão sobre a alimentação e envelhecimento saudável.

As acadêmicas demonstraram ao grupo a técnica da permacultura por meio de vídeos. A escolha do local foi uma decisão conjunta com os acolhidos, monitores e técnicos da CT, que escolheram um local próximo da cozinha e adequado ao plantio das ervas e temperos. Seguindo os princípios da permacultura, o plantio se deu em forma de espiral, possibilitando o cultivo de diferentes plantas em um pequeno espaço, atendendo as necessidades de luz do sol, nutrientes e água.



Fonte: fotos de arquivo próprio

Os acolhidos aderiram a proposta e participaram ativamente do plantio. A construção do espiral de ervas é uma opção de atividade para a terapêutica de homens que usam substâncias psicoativas, uma vez que preenche o espaço do cotidiano e pode servir como um recurso para a alimentação saudável.

O tempo do plantio proporcionou a colaboração e parcerias entre eles, favoreceu a troca de experiências e saberes. Assim, é possível afirmar que a permacultura proporcionou aos acolhidos e acadêmicos o prazer do cultivo da terra e das plantas, reforçou as percepções de capacidade de produção e cuidado, como foi relatado por um dos acolhidos: “dá um sentimento de capacidade na gente”.

A experiência da curricularização inclui também conhecer a

¹ A permacultura pode ser interpretado como “cultura permanente” e nasceu na Austrália dos anos 70, a partir dos estudos e da insatisfação com as consequências causadas ao meio ambiente pelo uso excessivo da monocultura e dos agrotóxicos. Promove ocupações humanas e agricultura sustentáveis e a partilha justa dos recursos da natureza, respeitando a terra, por meio da junção de práticas e saberes ancestrais com conhecimentos atuais e mais recentemente vem sendo considerada uma das Práticas Integrativas Complementares (PIC), uma terapia que visa o equilíbrio do ser (PEREIRA, 2016).

percepção dos acolhidos em relação à presença das acadêmicas na Comunidade Terapêutica. Um deles destaca [...] *vocês vão fazer falta* [...], outro [...] obrigado por virem, *espero que voltem* [...], outro se manifesta [...] *foi bom aprender algo que eu não sabia* [...].

Das manifestações é possível compreender o quanto os acolhidos desejam aprender e compartilhar saberes. Além disso, foi uma proposta que contribuiu muito com a aprendizagem das acadêmicas e permitiu formar muitas reflexões sobre as vivências dos acolhidos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As ações de curricularização da extensão ocorrem como mencionado durante todo o curso, através de projetos integradores, que além de promover atividades interdisciplinares, sistematizam o conhecimento.

Esta proposta é uma potente ferramenta para preparar a acadêmica(o) de enfermagem para uma atuação profissional mais voltada para os aspectos que correspondem à realidade, ou seja, um instrumental pedagógico que articula o ensino, a teoria, a prática e as demandas sociais.

O processo de aprendizagem que acontece na realidade, e no extramuros das instituições de ensino, pois permite que os conhecimentos sejam compartilhados e fundamentados na existência humana.

A curricularização da extensão envolve estudantes, professores, usuários e representa um movimento pedagógico a partir do diálogo, parceria e colaboração. Além do mais, coloca a aluna(o) no centro da formação, favorecendo o diálogo entre os saberes e o desenvolvimento da capacidade de visitar o lugar do outro.

É possível perceber que o trabalho em equipe, o construir com o outro, a criatividade e interlocução/comunicação são essenciais para esta proposta pedagógica.

Entende-se que a curricularização da extensão contribui para um processo de ensino aprendizagem potencialmente mais significativo em função das proximidades com as demandas sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SMV, BARBOSA LMV. Curricularização da Extensão Universitária no Ensino Médico: o Encontro das Gerações para Humanização da Formação. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.43, n.1, p.672-680, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190013>. Acesso: 03 ago 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. **Diário Oficial da União**; 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – **Pró-Saúde**: objetivos, implementação e desenvolvimento potencial. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e da outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

BRITO MCC, TEÓFILO FS, DIAS MAS, VASCONCELOS MIO, ALBUQUERQUE IMN, SILVA LCC. Formação do enfermeiro para a atenção básica: um olhar sobre o conhecimento produzido. **SANARE**, v.16, n.2, p.93-102, jul./dez. – 2017.

CASTILLO J, PALEO C, RIVERO BORGES A. Curricularización de la extensión en la FCEA 2012-2017. **InterCambios**, v.6, n.2, p.79-91, dez. 2019. Disponível:http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2301-01262019000200079&lng=es&nrm=iso. Acesso: 12 set 2021.

COMUNIDADE TERAPÊUTICA OPÇÃO DE VIDA. Disponível: <https://www.opcaodevida.org/>. Acesso: 15 set. 2021.

DAL POZ MR, LIMA JCS, PERAZZI S. Força de trabalho em saúde mental no Brasil: os desafios da reforma psiquiátrica. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.621-639, 2012.

FREITAS TPP, PAULA CC, ZANON BP, MEIRELLES FSC, WEILLER TH, PADOIN SMM. Contribuições da extensão universitária na formação de acadêmicos de enfermagem. **Rev Enferm UFSM**, v.6, n.3, p.307-316, Jul/Set, 2016.

MACEDO KDS, ACOSTA BS, SILVA EB, SOUZA NS, BECK CLC, SILVA KKD. Metodologias ativas de aprendizagem: caminhos possíveis para inovação no ensino em saúde. **Esc Anna Nery**, v.33, n.3, e20170435, 2018. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000300704&lng=en. Acesso: 13 ago 2012.

PEREIRA NFF, Vitorino RAS. Curricularização da extensão: desafio da educação superior. Interfaces - **Revista de Extensão da UFMG**, v.7, n.1, 2019.

PEREIRA, RK. **O equilíbrio do ser e a permacultura**. 2016. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal da Paraíba, 2016.

SPATTI AC, SERAFIM MP, DIAS RB. Universidade e pertinência social: alguns apontamentos para reflexão. **Avaliação** (Campinas), v.21, n.2, p. 341-360, 2016.

SANTOS FDRP, TAVARES HSA, BELFORT, MGS. Curricularização da extensão no curso de enfermagem da universidade estadual do tocantins-unitins. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.3, 2020.

SANTOS, MPG (Org.). **Comunidades terapêuticas: temas para reflexão**. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.SOUZA RC, SANTOS JE (Org.) **Construção social da aprendizagem em saúde mental e saúde da família**. Ilhéus-Bahia: Editus, 2014.

XIMENES NETO FRG, LOPES NETO D, CUNHA ICO, RIBEIRO MA, FREIRE NP, KALINOWSKI CE, OLIVEIRA EM, ALBUQUERQUE IMN. Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.25, n.1, p.37-46, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.27702019>. Acesso: 11 set 2021.